

Cantigas de ninhar dragões



Editora Penalux
Guaratinguetá, 2017

ROGÉRIO BERNARDES



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Wendell Barros Carvalho

ILUSTRAÇÕES e CAPA
Ronaldo Gallo

DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B522C BERNARDES, ROGÉRIO VIANA. 1976 -
CANTIGAS DE NINAR DRAGÕES / ROGÉRIO VIANA BERNARDES -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2017.

158 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-192-0

1. POESIA I. TÍTULO

CDD.: B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.



DOCE DE LEITE

O menino descalço com olhos nas nuvens
Tinha uma enorme vontade de desafiar dragões
Destruir castelos com sopros e estilingues
Criar uma ponte feita só de conchas
Para chegar ao outro lado do oceano
Tapar o Sol com a palma da mão
Deitar sobre um tapete de sons e cheiros
Fazer piqueniques com amigos imaginários
Descobriu aos poucos
A proibição de fazer tudo isso
Neste mundo de carne-osso-regras
Que o obrigou a crer que lirismo é enfeite
No intervalo da escola que o faria adulto
Guardou todos os sonhos
Em uma lata vazia de doce de leite
Enterrou-os na terra adubada com lágrimas
E voltou a tempo de abrir o livro
Na página sobre a Segunda Guerra Mundial
Incontáveis dias e noites depois
Após casamentos frustrados
Empregos medíocres, filhos adultos e ingratos



Voltou ao terreno da infância esquecida
Cavou com as mãos a terra úmida
Retirou com cuidado a muda nascida
Voltou pé ante pé ao quarto em que vivia
No asilo onde o deixaram para contar
Dias, estrelas e bulas de remédios
No invólucro das telhas com goteiras
E das velhas paredes descascadas
Libertou do peito as feridas passadas
Adubou sua memória (terra ainda encantada)
E ali replantou o seu pé de poesia
Foi encontrado morto no dia seguinte
Com uma lata vazia de doce de leite
(Ignorou que era diabético)
Um leve sorriso no rosto enrugado
E os eternos olhos de menino abertos
Virados para uma nuvem em forma de dragão.



REVOADA

Vontade de contar nova história
Igual às anteriores
Com palavras diferentes
Tornar a verter em papel
O que habita como éter
O pensamento ausente
Dar voz ao silêncio que incomoda
Curar ao falar de dores
Fazer da vida comum a glória
Tecer o futuro em espinhos e flores
Com os fios do presente.

Vontade de fazer novo livro
Dos velhos arquivos
Abertos na mente.

Vontade de olhar para o céu
Contemplar a revoada
Das andorinhas novamente.



CAIS

No cais de pedras eu sento
Vejo os últimos raios de Sol
E um barco no embalo do vento.

Não há mastro nem convés
E a pesca será feita sem anzol
A isca? O sonho sob meus pés.

À deriva e sem vela
O barco sou eu
E o vento me leva.

Despeço-me do velho cais
O chamado do mar cresceu
Pés no chão, nunca mais!

Enquanto o Sol se esconde
Sobre minha cabeça voa
Gaivota ao horizonte.

Entre o cais e o fim da linha
Nenhuma pesca foi à toa
Nas redes prendeu-se a vida minha.



FRACTAIS

Dos respingos da ácida chuva
Que molha meus tormentos
Retiro a velha profecia
Semeada em pequenas fendas
Ao longo do árido caminho
Que somente eu hei de percorrer.

A terra que me jogam selará minha sina
O vento agreste das tristezas
Espalhará o que já foi e o que será
E eu crescerei
Em forma de fino galho
Ou de secas folhas
Beijadas pelo orvalho
Do amanhã que há de vir.

Cuspam! Cuspam sobre meu corpo!
Façam dele adubo para a impossível flor
De pétalas brancas
Que um dia se soltarão
Hipnotizadas pelo pássaro errante
A cortar o céu de cores caóticas



Em busca do único moinho
Que o vento não ousará mover.

Enquanto insistirem no óbvio
Do impensável nada eu me (re)inventarei
Como alquimia que transforma
Sangue em ouro (não em talvez)
Serei (de novo e de novo e de novo)
A Fênix em novos e belos fractais
Ressurgida no lado de cá do velho espelho.



RAINHA

Há uma palavra querendo fugir
Exilar-se nas entranhas do papel
Processada em letras góticas
E fonemas magistras
É tão grande seu reluzir
Que se confunde com o azul do céu
Parece feita de ilusões óticas
De tantos significados não banais.

Seu defeito é ainda não existir
E todo o esplendor que ela carrega
Faria palavras como 'saudade', 'libélula'
'Inefável' ou 'nepente'
Parecerem não me seduzir
Não haveria com ela verso sem entrega
Dicionário não a teria presa em cédula
Perto dela o belo seria incipiente.

Aqui jamais a escreverei
Em poema algum a declamarei
Aquele mais nobre que o mais nobre Rei



www.editorapenalux.com.br



rogerberna@gmail.com



[/rogerio.bernardes.9](https://www.facebook.com/rogerio.bernardes.9)



[@rogerberna](https://twitter.com/rogerberna)